



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2018
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	A Teoria Sensorimotora de Alva Noë e a Questão de Molyneux
<b>Autor</b>	PEDRO WEDY DE MORAES CECHELE
<b>Orientador</b>	EROS MOREIRA DE CARVALHO

## A Teoria Sensorimotora de Alva Noë e a Questão de Molyneux

**Autor:** Pedro Wedy de Moraes Cecchele (bolsista de IC-UFRGS)

**Orientador:** Eros Moreira de Carvalho

**Instituição:** UFRGS

Sucintamente posta, a questão de Molyneux é a seguinte: “suponha-se uma pessoa, deficiente visual de nascença, que tenha aprendido a distinguir uma esfera e um cubo pelo tato. Se a visão lhe fosse devolvida, e se esses objetos fossem postos a sua frente, ela saberia identificá-los?”. A questão obteve majoritariamente respostas negativas desde que foi proposta pelo médico William Molyneux a John Locke no século XVII. Na contemporaneidade, Gareth Evans e Alva Noë foram contra essa corrente e defenderam a resposta positiva. No contexto de sua teoria *sensorimotora* ou *ativa* da percepção, Alva Noë interpreta a questão como uma pergunta sobre a existência de conteúdos comuns entre modalidades sensoriais diferentes e defende uma resposta “positiva, mas com restrições”, e que a resposta à questão deveria ser procurada nos estudos sobre substituição sensorial. Nosso trabalho consiste em uma tentativa de, na medida do possível, defender essa resposta.

Nosso trabalho se divide em duas frentes. Primeiro, em avaliar a opinião emitida pelo filósofo A.D. Smith de que a evidência negativa em relação à questão de Molyneux deve ser desconsiderada e que a resposta da questão deve ser buscada na pesquisa empírica sobre visão e transmodalidade em crianças em fase pré-linguística. Segundo, na consideração do prosseguimento do debate sobre substituição sensorial.

Em relação ao primeiro grupo de questões, A.D. Smith defendeu que os casos de pessoas que recuperaram a visão após cirurgias restaurativas (usados para basear a resposta negativa à questão de Molyneux), deveriam ser desconsiderados porque parecem ser casos de problemas corticais, o que tornaria a experiência visual dos pacientes diferente da experiência visual comum. A tese de um problema de origem cortical explica, como faz notar Smith, porque os pacientes exibem ganho limitado de funcionalidade visual após as cirurgias. Essa resposta é incompatível com a teoria sensorimotora à medida que se compromete com a tese dos correlatos neurais da consciência. Nosso trabalho aponta possibilidades para explicar esses fatos sem ter que recorrer aos correlatos. Argumentamos também que, ao contrário do que se poderia esperar, a possibilidade de estudar a questão através do enfoque no desenvolvimento infantil não é incompatível com a teoria sensorimotora.

A segunda frente de nosso trabalho consiste na consideração do estado atual do campo da substituição sensorial e suas interpretações filosóficas. Primeiramente comentamos objeções propostas a Noë por John Campbell, visando a esclarecer questões interpretativas relevantes para a abordagem da segunda questão. Elas envolvem especialmente as incompreensões atestadas por Campbell e outros interlocutores de Noë do papel desempenhado na teoria pelas noções de *conteúdo dual*, *aparências* e *perfis sensorimotores*.

Após o esclarecimento dessas questões, nos voltamos ao debate propriamente dito sobre substituição sensorial. Desde *Action in Perception* (publicado em 2004), uma nova posição surgiu no debate sobre se experiências através de dispositivos de substituição sensorial pertencem à modalidade substituinte ou substituída. A nova posição toma uma espécie de “caminho do meio”, afirmando que essas experiências são formas de sinestesia artificialmente induzida ou extensões de nossas capacidades pré-existentes. Argumentamos que o embasamento empírico de tais posições não é a princípio incompatível com a teoria sensorimotora, e que a teoria tem recursos para acomodar objeções postas pelos defensores da nova posição.